



A colher: o objeto e a desumanização em Primo Levi

The spoon: the object and dehumanization in Primo Levi

Filipe Amaral Rocha de Menezes*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil

filipearm@gmail.com

Tenho perguntas demais a fazer. Estou com fome, e quando, amanhã nos distribuirão a sopa, como é que vou comê-la se não tenho colher? E como é que se consegue uma colher?

Primo Levi

Resumo: A colher é um dos mais comuns objetos do cotidiano. Elas podem ser feitas dos mais variados materiais como madeira, aço, ferro e ou outros metais mais nobres até mesmo de ossos, papel, plástico. Primo Levi em *É isto um homem?* afirma que uma de suas preocupações iniciais em Auschwitz foi como comeria a sopa distribuída pela manhã, pois não possuía uma colher. Esse objeto corriqueiro torna-se, naquele espaço de confinamento e morte, uma moeda de troca valiosa na movimentada rede de tráfico que acontecia nos campos de concentração. O seu uso, para além do essencial no consumo da sopa diária, era um fator de civilidade e, em última instância, de humanidade. O objetivo deste artigo é apresentar a colher como um objeto de especial desejo e de necessidade no texto de Primo Levi. Estarão em análise as diversas cenas nas quais esse objeto desempenha o papel principal, dadas as condições precárias tanto da alimentação, quanto dos próprios prisioneiros: roubos pelos demais internos, confiscos pelas autoridades, o contrabando dentro e fora dos campos. Pretende-se, assim, demonstrar como a colher é valorizada nos campos de concentração, pois apesar das dificuldades de obtê-las, o seu uso constitui um pequeno reencontro com a dignidade e com a civilidade perdidas e uma tentativa de retorno à condição humana roubada pelos nazistas.

Palavras-chaves: Primo Levi. Shoah. Alimentação. Campos de concentração.

Abstract: The spoon is one of the most common everyday objects. They can be made of the most varied materials such as wood, steel, iron, and other nobler metals, even bones, paper, plastic. Primo Levi in *Is This a Man?* states that one of his initial concerns at Auschwitz was how he would eat the soup given out in the morning, as he did not have a spoon. This everyday object becomes, in that space of confinement

* Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais.



and death, a valuable bargaining chip in the busy trafficking network that took place in the concentration camps. Its use, in addition to the essential consumption of daily soup, was a factor of civility and, ultimately, of humanity. The objective of this article is to present the spoon as an object of special desire and need in Primo Levi's text. The various scenes in which this object plays the main role will be under analysis, given the precarious conditions of both the food and the prisoners themselves: thefts by the other inmates, confiscations by the authorities, smuggling inside and outside the camps. It is intended, therefore, to demonstrate how the spoon is valued in the concentration camps, because despite the difficulties in obtaining them, its use constitutes a small reunion with lost dignity and civility and an attempt to return to the stolen human condition. by the Nazis.

Keywords: Primo Levi. Shoah. Food. Concentration camps.

Dentre as muitas incertezas que um recém-chegado ao complexo de Auschwitz teve, Primo Levi¹ registra em *É isto um homem?* que havia uma que se destacava. Tratava-se da alimentação naquele lugar inóspito e sombrio.² A partir do pressuposto de que o alimento cotidiano seria a sopa, havia a necessidade urgente de se obter um utensílio próprio para ingeri-la, a colher.

Em italiano, há dois substantivos para designar a sopa, *minestra* e *zuppa*: o primeiro, *minestra*, seria aquela sopa nos quais se encontram pedaços de legumes e de carne, além de massa; o segundo, se refere aqueles preparados completamente líquidos, como um caldo, consumido com pães. Levi utiliza, em seu texto, o termo *zuppa*, para denominar essa mistura que era tão aguada que, sozinha, relata Levi, bastaria para aplacar a sede dos prisioneiros que a consumiam.³ Diante dessa precariedade a que os prisioneiros estavam submetidos nos campos de concentração, Leviteve a preocupação com a colher, objeto tão banal, mas que, no seu depoimento, constitui-se como um emblema, uma unidade significativa.

O presente artigo analisa em *É isto um homem?* a presença recorrente da colher como um elemento que, para além de sua função no simples ato de comer, o auxílio para levar o alimento à boca, acabou sendo utilizado, na sua escassez, com vários outros propósitos: como moeda de troca, muito valorizada nos campos, como um instrumento cuja falta serviu para infringir ainda mais sofrimento às vítimas e, atualmente, pós-Shoah, como um objeto memorialístico. No espaço

¹ Primo Levi foi um escritor italiano conhecido por seu primeiro livro *Se questo è un uomo*, de 1947, publicado em português em 1988, como *É isto um homem?*, no qual relata sua experiência como prisioneiro no campo de concentração de Auschwitz.

² LEVI, 1988.

³ LEVI, 1988, p. 24.



concentraci3n3rio, onde os prisioneiros foram submetidos 3 perversas torturas e 3 viol4ncia terr3vel, as rela33es humanas, bem como as regras de boa conviv4ncia s3o distorcidas, o que pode ser observado em rela33o ao uso ou car4ncia de objetos, como as colheres, que passam, naquele lugar de tortura e de morte, a ter um valor inestim3vel.

A palavra “colher”, como substantivo, deriva do latim *cochlearium*, que trata de um objeto relativo 3 concha, ao formato das conchas. Por defini33o, a colher 4 um “utens3lio de mesa, composto de um cabo em cuja extremidade se forma uma parte c3ncava, usado basicamente para levar 3 boca alimentos l3quidos ou pouco consistentes, e empregado em diversas atividades culin3rias.”⁴A colher tamb4m pode ser definida como “talher com cabo e concha rasa na ponta, usado para misturar ou servir alimentos, ou comer alimentos l3quidos ou pastosos.”⁵Esse objeto, caro 3 gastronomia, apesar de sua simplicidade, revolucionou o modo de se alimentar do homem e esse utens3lio est3 presente no cotidiano humano desde o in3cio da civiliza33o.

A colher faz parte dos utens3lios dom4sticos, mais especificamente do que se convencionou denominar “talher”, jogo de talhes, ou faqueiro. Essa conven33o sobre os componentes de um faqueiro 4 muito mais recente que a milenar inven33o das colheres. Os primeiros garfos foram desenvolvidos a partir de uma arma de duas pontas, na It3lia do s3culo XI, no entanto, seu uso difundiu-se a partir do s3culo XVII, e sua populariza33o do atual formato com quatro dentes apenas no s3culo XVIII.⁶ A colher, no entanto, tem uma hist3ria muito anterior, sendo imposs3vel precisar o seu surgimento. H3 registros de seu uso pelos eg3pcios h3 mais de 4 mil anos.⁷

As colheres mais primitivas de que se tem not3cia originam-se de uma cultura da argila que moldou tigelas com cabo ou haste arredondadas.⁸ Posteriormente, fabricantes gregos e romanos preferiam prata, ouro e bronze, em substitui33o a usual colher de osso, mas sendo comum para a maioria dos modelos um bot3o ou orif3cio para permitir uma correia para prender o instrumento a um cinto ou faixa.⁹Foram utilizados os mais variados tipos de material para confec33o da colher, desde os mais simples e populares como a madeira, o osso e a cer3mica, aos mais nobres como o ouro, a prata e o bronze. Somente no s3culo XX, com o desenvolvimento do a3o inoxid3vel por Harry Brearley, em 1913, que a inven33o proporciona a produ33o de

⁴ *Grande dicion3rio Houaiss.*

⁵ *Dicion3rio Caldas Aulete online.*

⁶ Knives, forks, and spoons, 1960.

⁷ Knives, forks, and spoons, 1960, p. 17.

⁸ Knives, forks, and spoons, 1960, p. 17.

⁹ SNODGRASS, 2004, p. 941-943



talheres a preços acessíveis para o grande público.¹⁰ A fabricação de talheres em aço inoxidável fornece objetos em material resistente a altas temperaturas, além de serem inodoros, característica essa fundamental, evitando-se contaminações e modificação no sabor dos alimentos.¹¹

As colheres, entre os primeiros e ainda preferidos instrumentos alimentares, parecem ser contemporâneas à sopa.¹² Esse tipo de preparo de alimentos teria se originado da evolução da fervura e do cozimento com pedras em potes de barro.¹³ Levi destaca, em seu relato, a insipidez do alimento servido em Auschwitz aos prisioneiros como uma comida “quase líquida”.¹⁴ A palavra “sopa” é reiteradamente repetida no texto, o que denota a sua importância. Naquele ambiente preparado para a morte, os prisioneiros eram submetidos a uma dieta extremamente pobre, o que somado ao trabalho extenuante, deixavam os prisioneiros enfraquecidos e em estado permanente de fome. A sopa era, como é possível observar, assunto corrente, e a sua expectativa gerava ansiedade aos presos famintos.¹⁵

A alimentação em geral, no campo, era notadamente fraca, bem como o fornecimento de água potável que, segundo Levi, não existia. A água estava disponível, mas algo intragável, “morna, adocicada, com cheiro de pântano”.¹⁶ Para além da sopa, havia o pão, o seu acompanhamento mais comum, um cubo de massa acinzentada. Em *Maus*, de Art Spiegelman, o sobrevivente Vladek Spiegelman o descreve como “ressecado, bem duro. Misturavam serragem na farinha... um tijolinho daqueles tinha que durar dia todo.”¹⁷ O sobrevivente ainda completa que, eventualmente, “de noite tinha queijo ou geleia estragado. Com sorte, dois vezes por semana nós ganhava salsicha do tamanho de dois dedos. Era só isso. Se comia o que elas dava, era o bastante para morrer mais devagar.”¹⁸ Assim, a alimentação de má qualidade e em quantidades insuficientes sequer provia o mínimo de nutrientes necessários à sobrevivência, o que

¹⁰ MIODOWNNIK, 2008, p.6.

¹¹ MIODOWNNIK, 2008.

¹² SNODGRASS, 2004, p. 941.

¹³ SNODGRASS, 2004, p. 914.

¹⁴ LEVI, 1988, p. 86.

¹⁵ Primo Levi menciona diversas vezes, como um assunto cotidiano, os comentários a respeito da sopa diária, além de registrar que ela também estava presente no pesado sono dos prisioneiros, em sonhos quase reais com comida, numa nova versão do mito de Tântalo. Em Auschwitz, a comida era vista apenas em sonho e permanecia inalcançável. (LEVI, 1988, p. 68, 80, 111, 61.)

¹⁶ LEVI, 1988, p. 20.

¹⁷ SPIEGELMAN, 2005, p. 209.

¹⁸ SPIEGELMAN, 2005, p. 209.



acarretava uma fome constante e, conseqüentemente, a estados de subnutrição e fraqueza, seguidos por morte por esgotamento.

Nesse contexto de absoluta miséria e maus-tratos em que se encontravam os prisioneiros em Auschwitz, a colher, um utensílio simples para a alimentação, torna-se um objeto para além do seu uso. Em *É isto um homem?*, Levi apresenta muitas situações nas quais acontece esse deslocamento de função. Desde o primeiro momento, quando se chega ao campo de concentração, a necessidade da colher se manifesta urgente, como relata Levi citado em epígrafe.

Embora a alimentação no campo fosse baseada em sopas ralas de couve e nabos, o utensílio não estava disponível aos presos, que tinham que encontrar uma forma de obtê-lo. A maneira natural de se conseguir uma colher era pelo comércio informal que acontecia no campo, por meio de uma intrincada rede que contava com o apoio de oficiais, chefes-administradores do campo, chefes-prisioneiros de vários níveis e contrabandistas. Segundo Levi, uma das primeiras lições que se aprendia em Auschwitz é a que os novos internos podiam ser vítimas de trapaças, entre elas, a da compra da colher por um preço muito mais alto que a cotação, pois “pode-se vender-lhe uma colher por três rações de pão”.¹⁹ Nesse momento de iniciação ao campo, o novo prisioneiro ainda não se apercebe do valor corrente do objeto, e acaba por se sujeitar a golpes.

Segundo Levi, o sistema do tráfico de colheres no campo contava com o apoio dos enfermeiros do bloco da enfermaria, o Ka-Be.²⁰ Uma vez que todo prisioneiro quando se internava para tratamento nesse bloco devia deixar seus objetos na entrada, como a gamela, a colher, os sapatos e a boina, e que nem todo interno se curava, havia constantemente um saldo positivo na quantidade de colheres, que, de acordo com a estimativa de Levi, os enfermeiros chegavam a receber, diariamente, ao que correspondia à arrecadação da venda de umas cinquenta colheres.²¹

No capítulo “Aquém do bem e do mal”, Levi trata do tráfico de colheres, bem como dos demais tipos de contrabando que aconteciam em Auschwitz, como o dos cigarros, da graxa ou do tráfico organizado pelos trabalhadores livres externos.²² O impressionante detalhamento desse sistema, de contrabando e de comércio, subjacente à ordem constitutiva do campo de concentração demonstra que era essa estrutura, que embora fosse teoricamente proibida e considerada crime, era necessária para o suprimento de uma enorme gama de materiais, inclusive insumos

¹⁹ LEVI, 1988, p. 26.

²⁰ LEVI, 1988, p. 86.

²¹ LEVI, 1988, p. 86.

²² LEVI, 1988, p. 78-87.



médicos e medicamentos.²³ Parte do que a burocracia nazista se negava a fornecer era suprida por esse sistema informal.

Ainda acerca do tráfico de colheres, o campo de concentração contava com outros colaboradores como ferreiros que trabalhavam às escondidas. Levi descreve como se produziam esses utensílios:

As colheres são feitas na fábrica, às escondidas e nos intervalos livres, pelos *Häftlinge* que trabalham como especializados em *Kommandos* de ferreiros e chapeadores; trata-se de utensílios toscos e maciços, obtidos de chapas trabalhadas à força de martelo; amiúde com o cabo afiado para que sirva, ao mesmo tempo, de faca para cortar o pão. Os mesmos fabricantes os vendem diretamente aos recém-chegados: uma colher comum vale meia ração de pão; uma colher-faca, três quartos de ração.²⁴

Nessa passagem, Levi descreve parte da engrenagem da fabricação e da distribuição das colheres aos internos. A descrição do objeto feito às pressas por trabalhadores pressionados e seu valor no campo oferecem, ao leitor, um retrato da condição daqueles homens. Para se obter uma colher, o interessado deveria abster-se de alimentar-se, pois nenhuma outra forma de pagamento estava disponível para realizar a compra. O objeto produzido por esses ferreiros e chapeadores em Auschwitz, pela descrição de Levi, parece assemelhar-se à colher produzida pelo sobrevivente Jacob Chaim, para seu uso próprio, durante seu aprisionamento no campo de trabalhos forçados de Dora-Mittelbau (figura 1).²⁵ Chaim teria produzido essa colher para si, pois, segundo ele afirma, os guardas nazistas não distribuíam colheres aos prisioneiros para comerem suas pequenas rações. O não provimento desse objeto tinha, assim, o intuito evidente de desumanizá-los, conforme avalia Chaim. O objeto hoje pertence ao acervo do Museu do Holocausto de Montreal.



Figura 1 – colher produzida por Jacob Chaim, no campo de Dora-Mittelbau. Acervo do Museu do Holocausto de Montreal, Canadá.

²³ LEVI, 1988, p. 86.

²⁴ LEVI, 1988, p. 86.

²⁵ JACOB CHAIM'S SPOON, *Montreal Holocaust Museum*.



A alimentação humana é uma construção elaborada por fatores sociais e culturais que vai além dos aspectos físicos e biológicos da nutrição. Por meio da comida, o homem se afirma civilizado. Também se afirmam civilizadas, as pessoas que se utilizam de talheres ou utensílios para se alimentar, tais como garfos, facas, colheres, hashis. Assim, a ausência do fornecimento desse utensílio, as colheres, a milhares de prisioneiros, seria proposital, com intenção de reduzir o homem, de desumanizá-lo, obrigando-o a alimentar-se com as mãos imundas ou lambendo e abocanhando a comida como animais.

Em *Os fornos de Hitler*, de Olga Lengyel, a enfermeira relata sua experiência em Auschwitz e comenta a respeito desse aspecto nefasto, quando ganha de presente uma colher:

Generoso, presenteou-as à equipe da enfermaria que cuidara dele. Eu não soube como expressar minha alegria ao receber aquele simples objeto, coisa corriqueira na vida civilizada. Há meses, eu comia sem garfo ou colher, reduzida, como as outras, a lamber a comida da tigela, como um cachorro. Por isso a colher me deixou tão feliz.²⁶

Lengyel expressa, assim, sua alegria ao receber de presente algo tão comum ao cotidiano “na vida civilizada”, fora de Auschwitz, ou seja, fora do lugar estabelecido com o intuito da barbárie, da desumanização, a colher transforma-se numa metáfora da civilização.

Outro exemplo da valorização desse utensílio no sistema concentracionário pode ser visto em *Maus*, de Art Spiegelman, quando o então prisioneiro Vladek Spiegelman consegue uma oportunidade de dar aulas de inglês para o seu *kapo*, chefe de seu dormitório no campo de concentração.²⁷ Em agradecimento as aulas, o *kapo* consegue para Vladek alguns objetos e permite que também leve alguns para seu velho amigo Mandelbaum.

No trecho recortado da história, pode-se notar as efusivas expressões de alegria de Mandelbaum ao receber uma colher e um cinto (figura 2).

²⁶ LENGYEL, 2018. p. 143.

²⁷ SPIEGELMAN, 2005, p. 194.



Figura 2 – *Maus*, de Art Spiegelman

A ausência das colheres, somada a uma série de outras ausências básicas, bem como os exagerados castigos, as verdadeiras penitências as quais sofriam os prisioneiros dos campos de concentração, a tudo isso Primo Levi denominou “violência inútil” em *Os afogados e os sobreviventes*.²⁸ Segundo Levi, nos doze anos hitlerianos, essa violência praticada pelos nazistas em várias instâncias era difusa, “com um fim em si mesma, voltada unicamente para a criação de dor: às vezes, voltada para um objetivo, mas sempre redundante, sempre fora de proporção em relação ao próprio objetivo.”²⁹ Com essa forma violenta de conduzir suas ações os nazistas se beneficiavam dela, não sendo, portanto, inútil. Ao contrário, suas ações eram caracterizadas pela crueldade gratuita com que se davam, pelo excesso, “no quais o limite da represália, já intrinsecamente desumano, foi enormemente ultrapassado.”³⁰ Diante desses excessos, segundo Levi, os presos se sentiam ainda mais debilitados pela impotência e pela sensação de destituição não só de seus bens, sua liberdade, mas de sua condição mais básica para sobreviver.

Para Levi a gratuidade da violência que sofriam os prisioneiros teria tão somente a utilidade de degradar ao máximo possível a vítima, a fim de que o torturador

²⁸ LEVI, 2004.

²⁹ LEVI, 2004, p. 91-92.

³⁰ LEVI, 2004, p. 93.



sentisse menos o peso de seu crime.³¹ No caso da ausência das colheres, Levi cita um fato que justifica sua conclusão a respeito do seu propósito:

Na liberação do campo de Auschwitz, encontramos nos depósitos milhares de colheres novíssimas de plástico, além de dezenas de milhares de colheres de alumínio, de aço ou até de prata, que provinham da bagagem dos deportados na chegada. Não se tratava, portanto, de uma questão de economia, mas de uma intenção precisa de humilhar.³²

O saque sistemático das vítimas, os prisioneiros dos campos de concentração, foi amplamente divulgado e é frequentemente citado como evidência não só do crime contra a propriedade, mas também da perversidade nazista.³³ Roupas, dinheiro, comida, remédios, dentes de ouro e até cabelos foram retirados das vítimas e, muitas dessas coisas e objetos foram reciclados para uso pelos nazistas e pelos seus colaboradores.³⁴ Entre os objetos pilhados estavam talheres, peças de faqueiros, óculos, sapatos, malas, e utensílios domésticos diversos. Todo esse material era recolhido pelo pessoal do comando Kanada, equipe de prisioneiros que selecionavam e armazenavam os objetos pessoais dos recém-chegados em Auschwitz.³⁵

A maior parte do resultado das pilhagens, incluindo ouro de restaurações dentárias, foi remetido para fora de Auschwitz conforme as orientações do Ministério do Interior do Reich.³⁶ Essa pilhagem, como é possível imaginar, também consistiu em uma forma de agressão aos prisioneiros.

Na figura 3, pode-se ver uma pilha de talheres enferrujados, já desgastados pelo tempo, fotografados por Alan Jacobs em um dos galpões do comando Kanada, em Auschwitz.

³¹ LEVI, 2004, p. 108.

³² LEVI, 2004, p. 99.

³³ STRZELECKI, 1994, p. 246.

³⁴ STRZELECKI, 1994, p. 248.

³⁵ Os armazéns ficaram conhecidos como “Kanada” ou “Canadá”, porque os prisioneiros os viam como a terra da abundância. Embora o nome tenha começado como gíria de prisioneiros, foi aparentemente adotado por parte da administração do campo. STRZELECKI, 1994, p. 250-251.

³⁶ STRZELECKI, 1994, p. 247.



Figura 3 – *Spoons*. Fotografia de pilha de facas, garfos e colheres em Auschwitz-Birkenau.
Crédito: Alan Jacobs, 1980.

A força desumanizante, de um sistema preparado para humilhar e destituir o indivíduo de qualquer tipo de civilidade, dignidade e, por fim, retirar sua própria vida, foi enfrentada com pequenos atos dos prisioneiros que tentavam, a todo custo, manter a dignidade e a humanidade. Levi descreve em *É isto um homem?* alguns momentos em que ele mesmo pôde resgatar um pouco de sua humanidade, como no capítulo “O canto de Ulisses”, em que conta uma cena na qual dá pequenas lições de italiano a outro interno por meio dos versos de Dante Alighieri.³⁷ U senso de urgência se impõe nesse recorto à humanidade, pois logo poderia ser tarde demais:

amanhã, ou ele ou eu poderemos estar mortos ou não nos rever nunca mais, devo falar-lhe, explicar-lhe o que era Idade Média, esse anacronismo tão humano e necessário e no entanto inesperado, e algo mais, algo grandioso que acabo de ver, agora mesmo, na intuição de um instante, talvez o porquê do nosso destino, do nosso estar aqui, hoje...³⁸

O contato com essa humanidade era urgente, pois podia não haver mais tempo. Entre os mais singelos e simples atos de recuperar essa humanidade, estava a imperiosa necessidade de se encontrar uma colher, de se ter a mínima dignidade em se alimentar. A recusa em comer como um animal, lambendo ou abocanhando a comida, seria, para Levi, uma tentativa de subverter a ordem desumanizante, recuperando um pouco da civilidade.

Shlomo Venezia, também sobrevivente de Auschwitz, tendo conseguido duas colheres, que dividia com seu irmão e seus primos, lembra que: “Era muito útil para

³⁷ LEVI, 1988, p. 111.

³⁸ LEVI, 1988, p. 117.



raspar bem a tigela e não perder uma caloria vital da comida que nos era distribuída. Comer com uma colher dava a impressão de ter mais comida.”³⁹Para Veneza, o uso da colher era reconfortante, mesmo que apenas por impressão. O seu relato, bem como os de Olga Lengyel, de Vladek Spiegelman e de Primo Levi, demonstram como a simples presença de uma colher, pode recuperar, pelo menos momentaneamente, a condição humana dos prisioneiros, restaurando o mínimo de civilidade, um pouco de higiene, mas em última instância, a humanidade roubada.

As colheres, assim, cumprem várias funções nesses relatos sobre a Shoah, com destaque para Primo Levi que busca desvendar o mistério da sua ausência. De simples utensílios domésticos para a alimentação cotidiana, em Auschwitz, distorcidas da realidade comum externa ao ambiente concentracionário, passam a ser moeda de troca, em valorização pervertida para carência. Adicionalmente, devido à pilhagem sistemática, as colheres compõem com outros objetos roubados, o espólio dos assassinados, que geraram fortuna aos nazistas e ainda mais sofrimento para as vítimas. No entanto, ao conseguir vencer uma série de barreiras, os prisioneiros ao tomar posse de suas colheres-faca, feitas clandestinamente a marteladas sobre grosseiro metal, elevam suas condições a que estavam submetidos, mesmo que por uns instantes, ao retorno a sua dignidade. A essa dignidade, assoma-se o som produzido pelas colheres, que indicava ao menos um pouco de paz, como lembra Levi:

“Agora, todo mundo está raspando com a colher o fundo da gamela para aproveitar as últimas partículas de sopa; daí, uma barulheira metálica indicando que o dia acabou. Pouco a pouco faz-se silêncio”.⁴⁰

As colheres anunciavam, assim, o momento para o descanso, um breve momento de tranquilidade e ausência de sofrimento físico. Desse modo, as colheres adquirem, no relato dos sobreviventes, um interesse literário e histórico, em favor da memória, e continuam sendo resgatadas em escavações arqueológicas.⁴¹ Pilhas desses objetos inanimados, como os talheres da fotografia de Alan Jacobs (figura 3), seriam, na verdade, o maior legado de Auschwitz: pilhas, e não pessoas, que se tornam a estética da Shoah, pois elas evocam a ausência das vítimas, a sua morte, além da magnitude da massificação dos assassinatos.⁴² Para além desse olhar sobre o relato dos sobreviventes, os objetos, tornados itens de museus e de exposições, incorporam o testemunho daqueles que foram saqueados, e falam, para além do tempo sobre as vozes ali silenciadas.

³⁹ VENEZIA, 2010. p. 52.

⁴⁰ LEVI, 1988, p. 131.

⁴¹ *Deutsche Welle*, 2020.

⁴² LANDSBERG, 1997, p. 63-86; 71, 79.



Referências

- DICIONÁRIO Caldas Aulete online. Disponível em: <https://aulete.com.br/>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- DIZIONARIO Italiano. Disponível em: <https://www.dizionario-italiano.it/>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- GRANDE Dicionário Houaiss. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2021.
- KNIVES, forks, and spoons. *Aramco World*, New York, v. 11, n. 3, p. 16-19, March 1960.
- LANDSBERG, Alison. America, the Holocaust, and the Mass Culture of Memory: Toward a Radical Politics of Empathy. *New German Critique*, Memories of Germany, n. 71, p. 63-86, Spring-Summer, 1997.
- LENGYEL, Olga. *Os fornos de Hitler*. Tradução de Celina Portocarrero e Thereza Christina Motta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. p. 143.
- LEVI, Primo. *A trégua*. Tradução de Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Tradução de Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, Primo. *Opere*. Organização de Marco Belpoliti. Torino: Einaudi, 1997.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MINESTRA; zuppa. In: Dicionario Italiano. Disponível em: <https://www.dizionario-italiano.it/>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- MIODOWNIK, Mark. The Taste of a Spoon. *Materials Today*, v. 11, n. 6, p. 6, jun. 2008.
- OBJETOS escondidos por prisioneiros são descobertos em Auschwitz. *Deutsche Welle*, Berlim, 20 maio 2020. Disponível em: <https://p.dw.com/p/3cXnB>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- SNODGRASS, Mary Ellen. *Encyclopedia of Kitchen History*. New York: Fitzroy Dearborn, 2004.
- SPIEGELMAN, Art. *Maus: a história de um sobrevivente*. Tradução de Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- STRZELECKI, Andrzej. The Plunder of Victims and Their Corpses. In: GUTMAN, Yisrael; BERENBAUM, Michael. (org.) *Anatomy of the Auschwitz Death Camp*. Bloomington: Indiana University Press, 1994.



VENEZIA, Shlomo. *Sonderkommando*, no inferno das câmaras de gás. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Lista de figuras

Fig. 1 – JACOB CHAIM'S SPOON, Made in Dora-Mittelbau Forced Labour Camp. Montreal Holocaust Museum. Disponível em: <https://museeholocauste.ca/en/objects/jacob-chaims-spoon-camp-dora-mittelbau/>. Acesso em: 03 ago. 2021.

Fig. 2 – *Maus*, de Art Spiegelman, página 194.

Fig. 3 – Figura 3 – *Spoons*. Fotografia de pilha de facas, garfos e colheres em Auschwitz-Birkenau. Alan Jacobs, 1980. Disponível em: <https://remember.org/jacobs/index>. Acesso em: 04 ago. 2021

Recebido em: 15/04/2023

Aprovado em: 28/04/2023